

# Nunca Mais Retornaremos à Ditadura Que Nos Humilhou

No tradicional estabelecimento de ensino superior do país, que é a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, realizou-se a 15 do corrente a sessão solene de reabertura do ano letivo de 1946. Compareceram nessa data à sede do conhecido educandário, além de grande numero de alunos, os eminentes mestres do Direito, professores Edgar Sanches, Marcílio de Lacerda, Oscar Tenório, Odilon de Andrade, Adamastor Lima, Ari Franco, Clovis Ramallete, Matos Peixoto e outras figuras de destaque no magisterio superior e na magistratura nacional.

A aula inaugural, a que a praxe denominou de «Lição de Sapiência», foi proferida pelo diretor efetivo da Faculdade, prof. José Pereira Lira, que é também o Chefe de Polícia do Distrito Federal.

Em nome do Centro Acadêmico «Luiz Carpenter», órgão representativo dos universitários da referida Faculdade, o bacharelado Volnei Colaço de Oliveira pronunciou o discurso transcrito em outro local.

Cumpre acrescentar que as palavras do nosso conterrâneo, segundo os comentários da imprensa carioca,

tiveram grande repercussão, justamente por serem proferidas um dia após as perseguições da Polícia do Rio contra todos que se manifestavam contrários à Carta Constitucional de 37, sendo que um dos jornais comentou o fato dizendo que: «o sr. Pereira Lira, naturalmente esperando as homenagens dos moços da gloriosa Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, não deve ter saído muito satisfeito com o vibrante discurso do bacharelado Colaço de Oliveira, que mostrou ao jurista e catedrático de Direito Civil, serem muito diferentes as lições e prédicas recebidas naquela Casa, da sua atitude na chefia de Polícia, procurando restringir o direito de critica».

«A lição de sapiência, — continua o comentarista, — quem recebeu foi o sr. Pereira Lira da boca do jovem universitário, que não hesitou em advertir o chefe de Polícia e diretor da Faculdade sobre as transformações políticas nacionais e mostrando claramente que os tempos são outros, não se admitindo, jamais, um retrocesso aos negros dias do período ditatorial.

## DISCURSO DO BACHARELANDO VOLNEI DE OLIVEIRA, DIRIGINDO-SE AO CHEFE DE POLICIA DO DISTRITO FEDERAL

«Temos o direito e o dever de, pela palavra e pela ação, na tribuna da imprensa e na tribuna nivelante na praça pública, dar expansão aos sentimentos democráticos, motivo da nossa própria existencia»

“A mocidade é uma escola de energia! E nessa escola jamais procuraremos soluções que desmintam os princípios irredutíveis da ação democrática”. Afirmou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro o representante dos universitários

## Correio do Sul

JORNAL INDEPENDENTE E NOTICIOSO ★ Direção: João de Oliveira

Assinaturas: ANO SEMESTRE: R\$ 20,00 / R\$ 10,00 ★ C. Postal, 34 ★ Fone, 86

Redação e oficinas: LAGUNA, Sta. Catarina ANO — XIII  
RUA 13 DE MAIO, 3 81 de março de 1946 NUMERO 7 2 0

## JOÃO BERALDO e uma época triunfante

**Nota da Redação:** — A campanha presidencial, colocando-nos em ponto oposto ao nosso antigo e ilustre colaborador Renato Barbosa, — uma das maiores fulgurações da atual geração brasileira, — privou o nosso jornal da presença de uma pena cintilante e ágil. E' que, empolgado pela luta sucessorial, e pelos destinos do Partido Social Democrático, Renato Barbosa se colocou ao serviço, através dos maiores jornais e revistas do país, da candidatura Dutra, para a qual dirigiu toda a atividade de homem de imprensa, afeito ao alto periodismo político. No momento em que a insidia getuliana rondava o destino de seu antigo ministro da Guerra e em que as deserções se acentuavam, Renato Barbosa, convidado e instado para fazer parte do Partido Trabalhista, na Capital da República, com promessas de compensações, se limitou a responder:

— Eu sou político de roça. Sou do Neru, em Santa Catarina. E como o Neru está com o General, eu não vejo motivo para modificar minha atitude.

E', sem dúvida, um perfil político, traçado rapidamente. No grande matutino «A Manhã», do Rio, encontramos, na edição de 9 do corrente, um magnífico artigo do nosso ilustrado coestaduan, sobre a marcante individualidade do atual interventor em Minas Gerais, Dr. João Beraldo, a quem muito prezamos desde longa data. Tratando-se de um trabalho interessantíssimo, como tudo quanto traz o timbre do seu autor, passamos a transcrevê-lo:

### RENATO BARBOSA

A geração nascida no primeiro decênio da República enfrentou as lutas da juventude sob o influxo do mais vivo sentimento nacionalista, como força coercitiva, na preservação das conquistas do regime.

O poder civil retomava posição, nos postos de comando da vida brasileira.

A reação militarista, a despeito de excessos ainda não justificados pela História, concorrera, sem dúvida, para o estabelecimento do nosso clima moral, pela abrangência de todos os ângulos da política interna em contraposição aos crescentes pruridos restauradores.

No tocante à posição do país, face aos destinos da vida exterior, persistia uma atmosfera cívica de rebeldia e de fé, como se fora fenômeno de acústica, promanado da extrema atitude de Floriano, sob a ameaça de intervenção estrangeira.

Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves se tornaram elementos altamente representativos, na imposição de uma consciência cívica, mas o florianismo lançara a semente de um nacionalismo á viva força, rudes e amargas se nos apresentassem as vicissitudes.

Rio Branco, com as memoráveis vitórias diplomáticas, contidas nos tratados territoriais; e, pouco depois, Rui, agigantado ainda mais,

através dos termos das recomendações da Conferência de Haia, aprimoraram e exalçaram a percepção potencial de nossas legítimas reivindicações, fazendo com que a mocidade de uma época triunfante se abrisse em magníficas floradas de entusiasmos.

O gênio apostolar de Bilac, empenhado em favor do serviço militar obrigatório, escravizando o país, de quadrante a quadrante, á magia do verbo condoreiro, seria o ponto culminante nesse período aureo, repleto de trepidações e intensamente vivido pela consciência cívica da juventude.

Foi na paisagem tranqüila de Itajubá, de onde tem partido valiosos elementos para o destaque da vida pública, cheia de incertezas e de afirmativas, que um moço do interior, procedente do sul-mineiro, visualizava e equacionava os problemas gerais, com o critério e a vocação do detalhe entre os valores da geração.

João Beraldo, formando cultura humanística, se prendia áquela capacidade consuetudinária de análise, a que se refere notável escritor, lembrando e aferindo minucias, pelo horror que sempre lhe causaram soluções apressadas, originadas do impressi-

onismo da falsa cultura e da publicidade inconsequente.

A vida provinciana se, por um lado, na determinação da plasmagem dos que nela nascem e passam as primeiras etapas da existencia, envolve certas e naturais restrições, refletidas em outros vícios mentais de caráter permanente, oferece, por outro lado, condições excepcionalmente favoráveis á formação e á expansão do espirito.

Alóra as vantagens inestimáveis de um ambiente calmo, tão propício á eclosão de aptidões superiores, a provincia, no bom e salutar sentido, apresenta condições extraordinárias, valiosas ao aperfeiçoamento de certas qualidades intelectuais.

Self made man, no mais puro sentido da expressão, esse jovem se destinaria ao reforçamento político da consciência do autonomismo municipal, refletido nas diretrizes da brilhante vida pública, combatendo a bom combater as formais imposições, porque entendia que á periferia se reservara a função democrática de levar ao centro elementos próprios para as equações lançadas.

Advogado e juiz, compreendeu bem de perto, e intimamente, a entrosagem municipal, de sorte que, secretário do Interior de seu Estado, João Beraldo for-

## AS MÃOS AINDA NOS SANGRAM PELO VIGOR COM QUE EMPUNHAMOS O FACHO DA LIBERDADE!

A solenidade de reabertura do curso juridico na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. — O discurso do representante do corpo-discente, bacharelado Volnei Colaço de Oliveira

### Irineu Bornhausen

Muito grata para Santa Catarina foi a data de 25 de março, que assinalou o transcurso de mais um ano de vida de seu notável e benemerito filho sr. Irineu Bornhausen. Catarinense progressista e probo, de iniciativas arrojadas, tem o sr. Irineu Bornhausen beneficiado largamente o Estado, principalmente no setor economico-industrial, pelo que seu nome é o de um dos mais diletos e poderosos propugnadores da grandeza e do progresso estadual.

Vem daí, por certo, a quase geral aspiração dos catarinenses livres das peias do partidarismo exclusivista e mofino, em vê-lo na alta administração governamental, onde seu tirocinio, capacidade, energia e honradez abriam novos horizontes ás grandiosas possibilidades de



ascensão do nosso Estado. Irineu Bornhausen, como governador de Santa Catarina, marcará uma época de verdadeiro engrandecimento e prosperidade estadual.

Conhecedor, nas suas origens, em suas conseqüências e em suas diversificações, das realidades estaduais, integrado ao habitat, retemperado no clima moral da liberdade, — razão historica exclusiva da vida montanhesa, — o sr. João Beraldo era, indiscutivelmente, pelo seu passado, o nome naturalmente indicado para tão grave investitura, dentro dos verdadeiros valores partidários.

A reorganização eletiva dos municípios, o selecionamento rigoroso de homens, para tão importantes mistérios, reclamavam e exigiam profundo conhecimento das condições peculiares das massas, pela sutil percepção administrativa de suas instantes necessidades, ao se iniciar, sob tão bons auspícios, uma nova etapa, na evolução democrática brasileira.

O exercicio de um cargo de tanta e tão merecida repercussão nacional não poderia se subordinar, como, felizmente, não se subordinou, ao critério fácil das improvisações, de maneira que, levando-o da presidência do Banco de Crédito Real para o governo do Estado, a politica mineira e o Presidente da República nada fizeram, senão premiá-lo com dois elementos mais completos, colocando, pelas condições a que nos referimos, e sem outras quaisquer preocupações, the right man in the right place.

Os servidores da politica de Minas, o nome do sr. João Beraldo, destinado a ocupar a chefia do governo, na presente fase de reajustamento e reestruturação democrática, tomou, de pronotado, a expressão imperativa de uma das mais felizes soluções do Presidente Dutra,

Exmo. Sr. Professor Pereira Lira, Dignissimo Diretor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Sr. Inspetor Federal. Srs. Deputados. Ilustres Mestres de Direito. Senhoras e Senhores. Colegas e Companheiros do Centro Academico.

Realizada nesta Casa, onde se respira uma atmosfera oxigenada de compreensão e liberdade, a reunião de hoje, com a qual assinalamos o inicio de mais um ano letivo, recebendo em nosso convivio os moços que ora transpõem os umbrais deste estabelecimento; — a reunião de hoje não poderia deixar de refletir o espirito que sempre norteou a atitude desassombrosa dos universitários, nas memoráveis lutas pela vitória dos princípios democráticos em nossa terra. Falharíamos aos destinos políticos reservados ao Brasil, se, nesta hora, pejada de gravíssimas responsabilidades, abdicássemos ao direito de critica, fundamental, em todas as camadas formativas das coletividades humanas, a uma sábia manifestação de espirito democrático. De outra forma, como nos seria possível olhar com altivez e com independencia a vós outros, presados mestres, que, em nossa idade, e com igual destemor, escrevestes nos fastos de nossa história politica, os episódios do civillismo, influenciados pelo exemplo desse impressionante apóstolo das liberdades publicas que se chamou Ruy Barbosa?

Foi-nos entregue por vós, soberbo patrimonio e — como sabermos demonstrar — ele não há de perecer.

A hierarquia intelectual entre mestres e alunos não excluiu, na moderna formação do espirito universitario, o superior sentido intercambial de cultura — elemento constitutivo do clima em que, a despeito de quaisquer adversas vicissitudes, respiramos e vivemos, nesta Casa

ja tradicional do saber. O professor é o guia; não é o tabuí!

Entre nós, discípulos, e vós outros, mestres eméritos e vigilantes, deverá persistir sempre a compreensão de que, na diretriz traçada pela cátedra, não existe fundação exclusiva da personalidade, pois, se assim não fosse, ingressaríamos em um período sombrio de negativas, inadaptável á fase reconstrutiva dos postulados democráticos.

Não preconizamos aqui a fatal anarquia intelectual, nos limites de rápida e efusiva saudação que, por nosso intermedio, o Centro Acadêmico «Luiz Carpenter» dirige aos srs. professores na inauguração de um novo ano de estudos.

Queremos, todavia, deixar expresso o nosso pensamento, e que consiste, para fortalecimento de nossa amizade, em exalçar o debate — vivo, inteligente, sereno, construtivo — atitude utilíssima, sobretudo em um curso onde se preparam futuros intérpretes da lei.

Somos, indiscutivelmente, representantes de uma geração miseravelmente espoliada. Na época em que, transbordantes de entusiasmo, tivémos nitida compreensão dos problemas sociais, enfrentamos, abruptamente, prolongado e crucial período de amordaçamento e supressão das liberdades, sob o guante tremendo de uma ditadura sem estranhas.

Os que nos antecederam, isto é, a geração de nossos mestres, deve estar orgulhosos e vivemos, nesta Casa

(Continua na 4ª página)

## Do Interventor João Beraldo ao dr. Vinicius de Oliveira

Ao dr. Vinicius de Oliveira, promotor público do Rio do Sul, dirigiu o ilustre estadista João Beraldo, eminente Interventor Federal em Minas Gerais, o seguinte telegrama:

BELO HORIZONTE, —

Dr. Vinicius de Oliveira, Rio do Sul. — Agradeço-lhe cordialmente o atencioso telegrama de felicitações que me enviou pelo ensejo de minha investitura á Interventoria Federal neste Estado. Saudações. (as.) João Tavares Corrêa Beraldo

# Aquele que sobe ao poder

Precisa ter uma convicção profunda para não mudar de idéia

Revive em OTAVIO MANGABEIRA o verbo de Rui Barbosa

## Ameaça-nos agora o perigo russo

As mãos ainda nos sangram pelo vigor com que empunhamos o facho da liberdade!

(Continuação da 1ª pág.)

sa e envaidecida de nossa conjura.

A luta foi estrêua, persistente, sem vacilações e, para a desigualdade dos processos, apresentávamos armas de que os nossos perseguidores jamais lograram despojar-nos: era o intraduzível e incontento entusiasmo de uma juventude sacrificada, de uma mocidade massacrada, vezes sem conta, pelo poder discricionário da polícia, outorgado por leis opressoras sob as quais duramente vivíamos.

O nosso invencível e justificado horror a esse período se explica com aquela lição de Rudolf Von Ihering, quando diz que o sentimento do direito reage á lesão provocada, em direta proporção á gravidade da ofensa recebida. Que julgamento não teria a nossa geração se não cultivássemos esse admirável sentimento legal?

Nas conquistas culminadas com o pleito de 2 de dezembro, em que a nação manifestou suas preferencias, existe larga pauta a nosso crédito, porque nos empenhamos, a fundo, em um combate frontal para a extirpação da ditadura no país.

As nossas vozes, de norte a sul, ainda ecoam, nas indormidas atividades de um período intenso de memorável luta cívica.

Temos, pois, o direito e o dever de, pela palavra e pela ação, na tribuna da imprensa e na tribuna nivelante da praça pública, dar expansão aos sentimentos democráticos, motivo de nossa própria existência.

Como vós outros, — eminentes mestres e amigos, — não hesitastes diante de falsos preconceitos, em cumprir o dever cívico da critica, também nós não desertaremos frente ao imperativo de nossas consciências, na livre apreciação e critica da constituição vigente, seguindo o exemplo de nossos maiores, quando, na elaboração da Carta Magna de 24 de Fevereiro, nascida em um parlamento e não nos desvãos úmidos da ditadura, exerceram esse sagrado direito de discussão em toda a sua plenitude.

A mocidade é uma escola de energia! E, nessa escola, jamais procuraremos soluções que desmintam os princípios irredutíveis da ação democrática.

A democracia, que realizaremos honestamente, na etapa devida em que estamos vivendo, com tão grande trepidação, concebe os detentores da autoridade pública, pela origem direta ou indireta do mandato, como simples servidores da nação. de

sorte que, em um país envenenado durante varios anos pelo unipessoalismo irrecorrível, urge que a critica, exercida dignamente, e sem preocupações subversivas, esbata, de vez, o doloroso estado espiritual, gerado nos regimes de força, a que Boutray, e com raríssima propriedade, denominou de «alma profunda do mando».

Eis por que Jean Cruet, no seu notavel trabalho, «A vida do Direito e a Inutilidade das Leis», perguntava se não se poderia definir o regime democrático como o governo do espírito crítico?

A democracia, meus senhores, na opinião do Nitti, é necessariamente atuante, pela força do ideal a que se propõe realizar.

Assim, a idéa democrática é potencial constante de renovação, promanado das críticas exercidas ás suas conquistas e do estudo das fórmulas novas, para melhoramento dessas mesmas conquistas.

Como, pois, — falando numa Casa onde se cultúa o direito, — admitir, na dinâmica democrática, uma restrição ao direito de critica, restrição essa que quasi sempre traz em si a insidia de segundas e inconcessíveis intenções?!

Será necessário recordar a definição clássica de Montaigne de que a democracia é uma republica onde o povo conquistou o direito soberano?

Litré, a seu turno, ensina que a democracia é uma sociedade livre e principalmente igualitária, em que o elemento popular tem influencia preponderante.

Senhores: Estamos, no tempo e no espaço, distanciados dos dias trágicos em que a carta de 1937 afogou todas as manifestações da liberdade.

Entramos, pois, remando contra a corrente e vencendo adversos vendavais, no amplo estuário das legítimas reivindicações, donde haverá de sair um estatuto institucional á altura das nossas tradições de liberdade e de justiça.

Nos ensinamentos recebidos nesta Casa, com tanta e tão confortadora solicitude, sentimos sempre a verdade doutrinária dessas lições da qual não nos haveremos de afastar, vida adiante.

Como elemento altamente representativo da cátedra superior no Brasil, ouviremos, em pouco, a aula inaugural do professor Pereira Lira.

Não vemos no emérito professor, a figura do homem público, de quem podemos eventualmente discordar, mas sim a do abalizado mestre que sempre acataremos.

Nesta Casa, os jovens

## Correio do Sul

Semanario Independente ★ Direção: João de Oliveira

Redação e Officinas: Rua 13 de maio, 3, C. Postal, 34-Tel. 86. LAGUNA—Santa Catarina. ANO XII. DOMINGO, 31 de março de 1945. NUMERO 720

### A cura do cancer

Nova droga preparada por cientistas soviéticos

MOSCOU — A Academia de Ciências Médicas desta capital anunciou que dois cientistas soviéticos prepararam uma nova droga que de acordo com experiências já feitas cura os mais malignos cancros.

Os professores N. C. Kiyev e G. I. Rosoin aperfeiçoaram um liquido que, injetado em ratos brancos em avançado estado

canceroso, provou ser eficaz em 95 por cento dos casos. Os tecidos infectados e degenerados restabelecem-se imediatamente.

A diretoria da Academia de Ciências, considerando a experiência de extrema importância, nomeou uma comissão de eminentes médicos para aplicar o medicamento em estudos clinicos de larga escala.

**ADVOGADO**  
DR. JOÃO DE OLIVEIRA  
ACEITA CAUSAS CÍVEIS, COMERCIAIS E CRIMINAIS. ESCRITORIO EM LAGUNA

### Quer comprar uma casa?

Vendem-se dōze casas, de vários preços, com todas as instalações modernas, de agua, luz, esgôto, etc.

Tratar com o dr. João de Oliveira, no seu escritório.

**DR. VANIO DE OLIVEIRA**  
EX-INTERNO DO PRONTO SOCORRO NA CAPITAL FEDERAL  
Diplomado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, com varios cursos de Extensão Universitaria  
Cirurgia—Partos—Clínica de Adultos, Senhoras e Crianças—Péle—Sifilis—Doenças Venereas  
Atende consultas e chamados, em casos urgentes, a qualquer hora do dia e da noite para a cidade e o interior  
DIRETOR DA SECÇÃO MÉDICA DO HOSPITAL «DOM BOSCO» ARROZEIRA (EV-ENCRUZILHADA) TIMBÓ Santa Catarina

que, a povoam nunca souberam capitular e as mãos ainda nos sangram pelo vigor com que empunhamos o facho da liberdade, meio a desencadeadas tormentas.

Saudando-os, — senhores professores e novos colegas! — no momento em que reencetamos nossas lides, o Centro Acadêmico «Luiz

Carpenter», reafirma suas convicções democráticas, na inabalavel certeza de que não desmereceremos, jamais, das conquistas politicas que esmaltam a história do Brasil, sempre orientados na direção do progresso, não admitindo um retrocesso rumo aos negros dias do passado.

## A Russia quer infiltrar-se nas americas

Acusada a União Soviética - Os três pontos do seu programa

WASHINGTON. — Pelo Sr. John F. Conin, assistente do Presidente da Conferência Católica Nacional para o Bem Estar, acusou a Russia de planejar sua infiltração nos países sul-americanos e receber informa-

ções sobre a bomba atômica e outros dados vitais dos comunistas, em número de dois mil, que são empregados do governo norte-americano.

Acrescentou que a Russia tem o seguinte programa a

realizar: 1º. — Destruir o Império Britânico; 2º. Dominar toda a Europa continental, inclusive a França, e marchar sobre a Espanha, até Gibraltar; 3º. — Infiltração dos comunistas russos na America do Sul.

## A FACHADA DEMOCRÁTICA

Começam as... regulamentações...

O ilustre deputado Otavio Mangabeira, em sua oração no Parlamento, disse — e muito bem — que não basta que digamos nos achar numa Democracia: — é indispensavel que essa Democracia seja real, seja verdadeira, não seja apenas de fachada.

Na mesma ocasião em que o eminente deputado, lider da minoria, dizia isso, o governo estava ultimando um «Regulamento para as grèves»!...

Ora, na Republica Velha, os inimigos da Democracia começaram assim: iam regulamentando as liberdades, para melhor suprimi-las. E' uma maneira, menos escandalosa, de abolir as liberdades. Todos os governos despóticos da Republica Velha, agiram assim. E diziam:

«Não. O governo não quer suprimir a liberdade de imprensa». Mas aparecia a regulamentação. «Não se quer acabar com os comícios». Mas apareciam os avisos, as portarias, limitando o direito de reunião, marcando os lugares, indicando as horas... E' a FACHADA DEMOCRÁTICA a que aludiu Otavio Mangabeira.

O governo Dutra começa a cair a fachada democrática: «regulamento das grèves»... Qual será o novo regulamento em elaboração?

Esse sistema é absolutamente fascista. Não há, entretanto, o que admirar. A maioria dutrista do Parlamento, não manteve a chamada Constituição Fascista de 10 de novembro de 1937? Dirão os amigos do governo, que ele está até muito benévolo.

Podia ser pior. Ao invés de «regulamentar», o governo podia «proibir».

O general é até generoso... S., ex., durante a propaganda eleitoral, falou muito em «democracia». Mas isso foi na propaganda... Também, na propaganda, o sr. Vargas, na Esplanada do

Castelo, disse coisas tão bonitas! Quem diria, naquele tempo, que ele se faria «ditador»? Quem?!

Aquele que sobe ao poder, precisa ter uma convicção profunda, para não mudar de idéias... Os amigos, os conselheiros, os sopradores, os endeusadores, desviam o chefe de um governo que não tenha idéias próprias, convicção profunda, orientação firme.

Ora, temos um Parlamento, mas... querem que seja só para fazer a Constituição!... Quem legisla, é o presidente; quem faz o orçamento, é o presidente; quem manda e desmanda, é o presidente. Quando, pois, a Constituinte sair da forja, já todas as liberdades estarão extintas, com a fachada das regulamentações.

— E' o que comenta «Resistencia», do Rio.

## A reforma da Lei Eleitoral

«O Jornal» reclama urgencia para o propósito do governo de modificar a lei eleitoral, afim de que as eleições estaduais, as primeiras que virão depois de redigida e promulgada a nova Constituição, não se processem com as falhas das anteriores, notadamente quanto ás representações dos partidos. Muitos aspectos reclamarão um exame detido da comissão, que o ministro da Justiça cogita de nomear, para rever o Código mal amanhado, escoimando-o de suas impurezas, dando-lhe, naturalmente, maior elasticidade, maior clareza e muita honestidade. Mas o maior absurdo da lei, que nos legou a ditadura, foi a de permitir a eleição de figurantes de chapas pelos votos da legenda. O resultado disso é que temos na Constituinte representantes com menos de seiscentos sufrágios, de representantes que foram arrastados nas aguas dos cabeças de chapa e conseguiram emergir. Com seiscentos votos, que é que pode representar um deputado, dos muitos que hoje se assentam no Palácio Tiradentes, com ares de importância politica? Nem de um quarteirão do centro da cidade tais deputados seriam mandatarios. E que dizer

daquele que representa o Acre, sem ter recebido um único voto? Este é outro aspecto exdruxulo da lei eleitoral. No Acre foi votado, apenas, o cabeça de chapa do partido que poderíamos chamar de situacionista, e como o longinquo Territorio tinha que eleger dois representantes, o que estava colocado imediatamente abaixo do vencedor foi o «escolhido» pelo voto da legenda partidaria...»

**Acácio Moreira**  
ADVOGADO  
COMUNICA A SEUS AMIGOS E CLIENTES, QUE MUDOU SEU ESCRITÓRIO PARA A RUA ARCIPRESTE PAIVA Nº. 5  
Atende das 10 ás 12 e das 2 ás 5 horas  
Residência: La Porta Hotel APARTAMENTO 112  
Caixa Postal, 110 — Fone: 1277  
FLORIANOPOLIS

Leiam sempre  
CORREIO DO SUL

O sabão

## “VIRGEM ESPECIALIDADE”

da COMPANHIA WETZEL INDUSTRIAL — Joinville

(Marca Registrada)

conserva o tecido da roupa, porque, lava facilmente e com rapidez.

